

A MORTE DO PALHAÇO

de RAUL BRANDÃO

DRAMATURGIA DE JOÃO BRITES

LIBRETO DE NUNO JUDICE

MÚSICA DE JOSÉ MÁRIO BRANCO

37ª CRIAÇÃO

TEATRO O BANDO

8 de julho de 1991

JMB

PRÓLOGO DE MEMÓRIAS

I

COMENTÁRIO
À
PÁGINAS
ESFARRAPADAS

1
BRANDÃO

-A sua vida, a sua alma, ele a estatela nas páginas esfarrapadas do livro que deixou escrito. Entre a barafunda das notas destaca-se *A Morte do Falsoço*, romance incompleto, e quase autobiográfico: por isso lho publico, juntando-lhe o que nos seus papéis encontrei com título de *Diário*.

Folhas e folhas ingénuas de quem afinal a gente não sabe se rir se chorar.

Alguns pedaços eu corto: é que há coisas que se não publicam.

mm

o

II

MEMÓRIA DE
PALHAÇO MORTO2
PALHAÇO
CIRCO

- O estupor da vida que nos dá a imaginação - e que nos deixa sonhar, para depois nos atirar das estrelas à terra ! E porquê? Para quê? Que crime cometi eu, Senhor, para tu a cada momento me castigues, a cada instante me faças tropeçar e fazer parte do infinito e das ruas da cidade, da Via Láctea e da multidão?...

Valia a pena detemo-nos a olhar a vida, tingida de névoa azul como certas paisagens que só são belas de longe.

Em qualquer recanto, num café, entre quatro paredes que não importam, porque, por mais denegridas que sejam, a nossa alma tem o poder

extraordinário de tudo transformar, fazemos ao mesmo tempo e com entusiasmo.

O que em nós vai
 secando pela vida fora
 está tão sensível que
 magoa tocar-lhe. Todos
 somos poetas, todos
 vivemos num

Estontecimento que se
 parece com o amor.
 Todos os dias são de
 primavera. Ainda que o
 casaco esteja no fio, a
 gente não sabe que
 mudaram as estações,
 e a existência, mesmo
 numa mansarda, é uma
 festa perpétua.

Eu nesse ano, porque
 estivera doído, vivia
 numa cidade, constriada
 de restos de sonho que
 uma ventania de
 loucura atirara para a
 planície, como nuvens
 aglomeradas num fundo
 violáceo de
 tempestade. Os meus
 sonhos riscavam-se a
 carvão, mordiam-se de
 delírio: umas vezes era
 perseguido sem
 piedade, como um lobo,
 outras eram páginas de
 louco, covas abertas
 subito, unhas
 arrelhadas e berros....
 torsos contorsionados,
 faces arripiadas,
 contracções de dor,
 misturavam-se, a
 subir, a
 esgadanhar-se, numa
 fúria de vida....

III

COVEIROS DESENTERRAM PALHAÇO

3
ANARQUISTA

- Vale a pena viver para todos os desgraçados, para quem desde séculos abro a cova... É uma quimera a Vida? Aspera quimera..

No cemitério dois
coveiros abrem um
fosso. É um sitio
triste, sem um
cipreste, desolado e
que irrita como uma
alma seca. Um dos
coveiros é enorme,
ossudo, ressequido, de
barba dura e rara e
grandes mãos. A sua
sombra esguia, como
um borão tingia a
terra, macabra.

4
PITA
LADRÃO

- Cava, cava e bebe-lhe... Que vale pensar?...
Cavar na terra e escavar a dor, ó burro, não é igual....

5
ANARQUISTA

- Que dramas, dores, ilusões, lama e restos, a carroça não
traz! Nunca pensaste diante da Morte no que é a Vida?.

6
PITA
LADRÃO

- Cava, estupor!...

7
ANARQUISTA

- Andar a perseguir uma quimera, dolorido até à morte, ser
batido pela Vida!... Viver para quê, se viver para a maior
parte é sinónimo de sofrer?...

8
PITA
LADRÃO

- E o pequenname, estúpida criatura?...

O coveiro a grandes
pernadas salta o muro e
dilue-se na escuridão. Por
muito tempo ainda escuto os
seus passos, parecidos com
o cavar na terra gelada, e é
como se ele andasse sobre o
meu coração: magoa-me....

Eu conheci K. Mauricio e o
homem do violino. Das
oliveiras, tronco
carcomido, com um único
galho e uma folhinha a
nascer, caía um luar triste.

À esquerda um ^oclivario,
três cruces como três
forcas no alto, solitórias:
em baixo a nódoa da
planície, a borbulhar de
multidão esparsa, que se
imobilisara, petrificada
agora, olhar de ônsia posto
em mim, e o silêncio caíra
como a tampa de uma
cova...

E o inquietante silêncio foi
subito clareado: era o
violino que tocava música,
arripiada de dôr, vaga,
dubia claridade daquele luar
entre nuvens, indecisa e
que perturbava como um
crepusculo sobre aguas
mortas: e alastrava-se pela
paisagem, simfonia de
almas a errar numa névoa
lilós....na noite acarvoada.

Passavam vis, com olhares
de desespero, os Grotescos
e os Doentes...

Um tocava, o outro
representava, dizia a
música do outro toda a alma
humana...

Antes de entrar o "Lrco"
violino (fozinhos) c/ tema 2

IV

MEMÓRIA DE APAIXONADO

Rompeu a sinfonia, numa música estranha, com notas que pareciam sedas rasgadas, uivos dolorosos, e esgares de alegria transformados em gritos... A multidão, em volta da arena enfarinhada, tinha enlouquecido - mar de cabeças a ferver;

E a música recomeçou o galope - e os cavalos escavaram a arena, montados por mulheres homens do circo. Que velha, que encantadora alegoria, representava aquela perseguição, à roda, sempre à roda, em que as raparigas defendiam flores escondidas nos seios, que os homens procuravam roubar-lhes com beijos?...

Era agora a sua vez. Desceu as escadas, apegando-se ao corrimão, atravessou o corredor, entrevedo nos camarins, pedaços de estofos, cartazes, pinceladas, notas escarlates, leques de gás, uivos vermelhos de tecidos,

cadeças enfarinhadas, bocas rasgadas, colos, musculos de pernas....

Já fora cocheiro, mendigo e director de bancos poderosos, poeta e príncipe, bandido na Calábria, e porventura amado por uma linda mulher, que de paixão se finara. Có fora, finda a noite do circo, emudecia numa tristeza a bandonada, e absorto dobrava-se à beira da sua alma, como na margem de um lago....

Apenas, porém, entrava na arena, enorme, esquelético,, calvo e vestido de purpura - assim tivesse atravessado um rio de sangue - logo a sua figura se transformava, e nunca palhaço soube exprimir como ele o lado grotesco da desgraça e a amargura do riso. Ia à morte e desconjuntava-a : entortava-lhe as pernas, punha-lhe a foice à banda e descobria-lhe a calva.

Era indiferente à multidão : Parecia que para ele só representava as farsas cinicas, sempre a mesma maneira de interpretar a vida que fazia frio. Lembrava um pícaro cadáver, anguloso, torto, que viesse a fazer escórnio da cova. às vezes a multidão enregelada pateava-o com fúria - e ele nem reparava.

Pôs-se o palhaço a amar Camélia. Lidio e Camélia e ele eram os artistas que a multidão aplaudia. Do outro clown também se riam com ferocidade: nunca ali aparecera um palhaço como ele. Torto, anguloso e, no quadrilongo da face, os olhos furados a verruma.

9
PALHAÇO
CIRCO

- Desejei-a como náufrago que se agarra à única tábuia de salvação.

10
PALHAÇO
ACTOR

- Deixem-no sonhar !...

11
PALHAÇO
CIRCO

- As minhas palavras ardem por vezes, para de súbito caírem como bexigas a estoirar.

12
PALHAÇO
ACTOR

- Olha que ela vai rir-se de ti! Pois tu não vês como és desprezivo e cómico, Palhaço!

Nunca o vi senão de seda preta e na cabeça, posto ao lado, um chapéu alto velhissimo e rapado - um chapéu que fazia estancar as gargalhadas e pensar na miséria.. O Palhaço era o seu único amigo.

Visto que se pusera a amar Camélia, o Clown atraíra-o como a decifração de um mistério, ou como a desgraça alheia encanta a nossa própria desgraça.Encontrava-o sempre deitado à pota do camarim de Camélia e nos olhares do louco surpreendera porventura um mundo de amor. Era decerto como ele um infeliz. A pouco e pouco conquistara-lhe a amizade. bebiam juntos e , de noite, terminado o espectáculo, partiam de conversa pela cidade. Era singular o diálogo.

Pôs-se a amar Camélia, mas nunca disse a ninguém, porque morreriam a rir do Palhaço, torto e tão desjeitado!...

Os seus gestos começavam num frenesi a contar o que sofria , para acabarem por se torcerem em epilepsias de cómico; e a sua boca ia num esgar a vociferar, arrebatado , doido, a narração da dor, e terminava numa gargalhada estrondosa de palhaço.

Achava-se pícaro e sinistro: o sonho tinha-o tocado, dando-lhe aspectos de visionário ou de louco. Estava calvo, o nariz aguçara-se, formando com o queixo um bico formidável de avae de rapina e, sobretudo, havia nas suas faces um rictus indecifrável, misto de riso e de concentração dolorosa.

A sua timidez era enorme - maior o seu orgulho. E com isto encontrava na alma delicadezas em que nunca pensara, carícias, restos de olhares, balbuciações quase infantis, que o deixavam absorto e aniquilado.

Sonhar ainda, sonhar sempre, mais valia que ouvi-la rir-se, despedaçar com o escárnio o seu amor.



DESPERTAR DE PALHAÇO MORTO

13 PALHAÇO ACTOR

- Que mais queres tu?

14 BRANDÃO

- Mas afinal que sonho é esse em que falas tu?

15 PALHAÇO ACTOR

- É para lá da vida, é a vida ideal. É talvez o céu. Em arte. é o livro que se entrevê e que gagueja, nunca atingindo o livro que imaginamos. E, em, música, a aspereza em lugar dos sons e das vozes misteriosas que ouvimos em certas horas e que não podemos reproduzir.

Quando Camélia aparecia sobre o corcel negro, linda e frágil, leve na gaze glauca como se fosse desaparecer, avançava toda torcido, a babujar-lhe timidas palavras, dizendo-lhe a sua paixão de uma forma tão pícara que o riso caía como uma montanha que desaba. Até Camélia ria - efugia num turbilhão, levada pelo cavalo negro a galope, enquanto o bobo caía despedaçado pela dor, com deses peros tão fingidos e lágrimas tão cómicas que a multidão aplaudia em delírio. Às vezes as suas palavras eram dolorosas, as suas frases affligiam, mas ela ria também e então o Palhaço exagerava tudo e dava uma cambalhota, com medo que passasse a escarnecê-lo, depois de ter gargalhado de farsa. Um dia fora do circo, ia talvez falar-lhe a sério da sua paixão - mas ficou empedernido. Nem sequer um gesto... E ela passou e olhou-o com a sobreana insolência da juventude.

16 BRANDÃO

- Mas explica-me...

fade-out valsa

17 PALHAÇO ACTOR

- É uma labareda. É o universo que os sonhadores acabam por construir. Tanto sonho que a queimo. Há dias em que me deito cedo, dizendo-me: Vou ser Deus! Deus! É por isto que eu fujo de conversar.

18 BRANDÃO

- Foi o amor, então?

→ eutua tema (5)

26
BRANDÃO

- E sofres, e dão-te pontapés e toda a gente se ri de ti.

27
PALHAÇO
ACTOR

- E quanto mais sofro, e mais sinto a vida
extinguir-se-me - mais ela vive; quanto e quanto mais
crescem as minhas penas, mais o luar faz crescer os seus
cabelos.

28
BRANDÃO

- Contanto que ela não te escorrace....

29
PALHAÇO
ACTOR

- Contanto que eu saiba segui-la e sonhar,
olhá-la e sonhar.

*acaba aqui?
(A possível)*

30
BRANDÃO

- Para K. Maurício era mais do que isto... Para ele cada
criatura se faz acompanhar na vida por outro ser. Por outro
ser invisível que no silêncio se torce de dor e que com os
nossos actos podemos a todo o momento magoar.

VI

OUTRO EU
É PALHAÇO ACUSADOR

31
PALHAÇO
ACTOR

- Terá toda a gente esta mesma luta consigo para se acostumar a viver?...

→ chapéu de nitro (apoiado perc.) da entrada a caçar

Havia dias em que o ruído dum folha caindo o sobressaltava, e desde os vinte anos que nunca mais pudera esquecer a morte de ao pé de si.

Tive esta noite uma sensação de frio no coração: não havia cobertor que me agasalhasse...

32
PALHAÇO
CANTOR

- Que vale viver?
ilusão morta,
ilusão nascida,
até à cova descer.

Quem é que dizia
que toda a gente sabia
- viver?

33
PALHAÇO
ACTOR

- Dura aprendizagem, para quem tiver nervos e coração...
Porque é que me secaram?

34
PALHAÇO
CANTOR

- "Porque é que me secaram"?

35
PALHAÇO
ACTOR

- Ilusão ainda.

36
PALHAÇO
CANTOR

- Mentira
Todos de máscara às cores
Mentira
Todos fingimos velhos actores

Ninguém a sós
é o mesmo que cá fora
todos representam
uma vez na vida
ontem hoje agora.

37
PALHAÇO
ACTOR

- O que há a fazer ao sonho é escondê-lo e recalçá-lo, para que nos deixem viver ignorados. Para que os que não sonham o não despedacem. Sonhar é um crime.

38
PALHAÇO
CANTOR

- Sonham se pobres são,
ridículos sonham sem dor.
E é esse o seu quinhão,
melhor ou pior,
é esse o seu quinhão.

10.2.36

39
BRANDÃO

- Onde nestas páginas acaba a Vida e começa o Sonho? Nem ele mesmo o saberia dizer.

(aos fatos
sobu a vida)

40
PALHAÇO
ACTOR

- A mesma irritação com que lês essas páginas, não quer dizer que são verdadeiras?....

41
BRANDÃO

- Ele não sabia escrever! Não, ele não sabia escrever, juro-o, mas punha febre nos papéis, dum feitio tão áspero como a sua alma, e mesmo, se é curioso, é por esta maneira feita de repelões: nunca pude deixar, ao lê-lo, de escutar o ruído abafado de um coração a bater...

MORTE DE UM FUNCIONÁRIO PÚBLICO

*entra depois
da 1ª frase
do cello*

VII

CASA DE HÓSPEDES

42
ANARQUISTA

- E era como se um bicho de esgoto criasse asas e se pusesse a voar.

43
DONA
FELICIDADE

- Bicho de esgoto... a voar!
Enquanto estas mulheres, caídas aos sessenta anos, sonham ainda com a juventude, como esta arrastando pelas casas de hóspedes o seu sonho inapaziguado de amor...
Viver é tudo!...Viver!...
Vocês todo têm pensado na vida destas criaturas?...O pequeno emprego, nunca o gozo satisfeito, a imaginação e o apetite sempre alerta.
Mulheres!... Nunca tiveram na vida ocasião para praticar um crime que lhes desse o ouro ou o poder.

44
PITA
LADRÃO

- A mulher é uma esfinge.

45
ANARQUISTA

- Pita , que lhe parece?...

e como duma vez lhe perguntassem como arranjava de, dono de semelhante caveira, que as mulheres o amassem, disse com desprezo:

Nessa noite o Anarquista lia uma proclamação para abrir o seu jornal *A Miséria*. Com o manuscrito na mão, o olhar incendiado, perguntou:

46
PITA
LADRÃO

- Muita filosofia...

47
ANARQUISTA

- Mas que diabo, Pita! Você sabe que estimo a sua sabedoria... Diga a sua opinião sincera...

Todos se absorvem no Pita, que passou a mão pela bola de bilhar que usa em vez de cabeça e a seguir falou:

48
PITA
LADRÃO

- Para ganhar apenas o pão negro, mulheres trabalham na água como bestas, até se cortarem pelas virilhas. Sabe que há pequenas de oito anos que se chegam à sua beira com um ar de vício e têm esta frase trágica: - Eu faço tudo!... - ?

Não está mau de todo... Muito palavreado... Fale na terra e fale na miséria...Sabe que em Setúbal nos arrozais, é a fome?

49
ANARQUISTA

- É !

Muito ~~des~~erativo, citou o vício, que, apenas noite, corre como um enguicho de lãnis pelos recantos negros da cidade.

50
PITA
LADRÃO

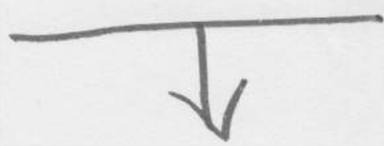
- E além disso os burgueses estão dando à ralé, cheia de apetites e quimeras, um espectáculo desaforado...

51
ANARQUISTA

- Oh Pita!...

52
PITA
LADRÃO

- Desaforado.. Cite factos, encha-me esse papel de factos e bote então se quiser a filosofia de fora. O palavreado não é mau, mas os pobres conhecem melhor a miséria e o crime.



53
ANARQUISTA

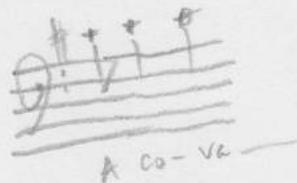
- A miséria e o crime são velhos como a terra... Você tem visto tudo e tem sido tudo: já foi rico e já viveu de arranjar mulheres para os outros... Mas escute: A questão é mais funda... Suponha que sobre esta mesa está a palpitar o Coração Humano... Há coisas eternas. O que fez crescer o anarquismo, como uma raivosa maré de lama - é esta coisa simples: o ódio aos ricos e a inveja... Você, eu, todos os que aqui estamos juntos, o que daríamos para ter o Ouro, o Ouro com que se pagam as mulheres mais lindas, as quiméricas mulheres todas feitas para o gozo, e sobre cujo olhar negro a gente se debruça como sobre um passado lendário; o Ouro com que se tem amor e se deitam a perder os nossos inimigos?... Eu, vocês todos, temos feito de há muito este raciocínio: a vida dura dez, vinte anos, depois segue-se...

54
PALHAÇO
ACTOR

- A cova!...

55
PALHAÇO
CANTOR

| - A cova!... |



56
ANARQUISTA

- O nada. Portanto vale a pena gozar de todo o nosso cérebro e de todos os nossos nervos. Deixar o coração bater o mais que puder, satisfazer a valer todas as paixões... Só o Ouro é que dá isso e ninguém recuará diante de um crime, certo da impunidade, para o obter.

57
PITA
LADRÃO

- Às vezes corre-se-lhe o risco...

58
ANARQUISTA

- Outrora esta vida era transitória... Quanto mais se sofria, mais duro era o pão e a dor mais negra, maior também na vida eterna era a felicidade. O ódio contra os ricos, os que gozam enquanto as mais criaturas sofrem, existia, mas havia a certeza que iam para o inferno. Pagavam caro os beijos, a felicidade, o sonho... Agora a ilusão caiu por terra, a vida é sôfrega e a maré dos que estão ávidos de gozo sobe...



Verde
no - leve
* Ostinato, de modo
e permitir a
trabalhada
"a cova" em
your moment
já no "foco"
da cantiga do
Pita que se segue
* o ostinato, c/ou
sem variações, conti-
nuar até à cantiga

59
PITA
LADRÃO

- Vai ser um rico saquezinho...

E o Pita resmungou, com o olho a luzir

60
PINTOR

- Com mulheres violadas, sangue, apetites desenfreados,
vaías contra a arte e o belo...

61
ANARQUISTA

- É o Oiro, é o Oiro que tido pode e tudo faz!...O Oiro que
era ainda capaz de fazer levantar da cama o próprio Gregório!

62
DONA
FELICIDADE

- E a Dona Felicidade, que levanta os pratos
tem de suspirar tão fundo como se nela suspirassem todas as
Donas Felicidades, desde a Dona Felicidade das cavernas até à
Dona Felicidade contemporânea.

63
PITA
FILÓSOFO

- A tudo se chega
com o pensamento
a tudo
e a ministro

Teoria vai
com o pensamento
teoria vem
com o pensamento
Palavras
leva-as o vento

) *bras*

Que pontapés se leva na vida

é preciso sonhar
para não morrer
é preciso sonhar

é preciso

para o coração não endurecer
como uma pedra

64
DONA
FELICIDADE

- Pita!...

65
PITA
FILÓSOFO

- Como um calhau.

ir ver sofrer
a um hospital
ver o luzeiro
sempre a arder
e a pobre gente) *bis*
toda a noite a tecer

66
DONA
FELICIDADE

- Aquele estupor de alambique de sofrimento toda a noite a resfolgar.

67
PITA
FILÓSOFO

- é uma imagem de vento

68
ANARQUISTA

- Deixe-os sonhar... O sonho é tão necessário prá vida como o pão.
Eu para meu uso, até os tenho inventado para certas horas de sofrimento - e quantas noites passo a imaginar ser rei ou carrasco!...

69
PITA
LADRÃO

- Atira-se-lhes com um pedaço de sonho, como se fosse um pedaço de pão!..

70
PINTOR

- O pior, Pita amigo, é que o sonho desvairar-
-os....



preenchido

71
PITA
FILÓSOFO

- Povo que sonha
não dá problema
se há nò Estado
quem domine o tema

Pôr o sonho em lume brando
inofensivo e latente
é a ordem do comando
do estadistà sapiente

Destruí-lo
arrancá-lo é uma tolice
diz a experiência da vida
virá outro substituí-lo

e quem sabe se mais perigoso

72
DONA
FELICIDADE

- Pita, estás aqui estás na Penitenciária. Vê
no que te metes, Pita!...

73
PITA
LADRÃO

- You-me até ao pequenome. A vida é uma
quimera!...

Caiu em meditação o Pita. Oito horas da noite e a caixa
lucendiada por entre o péo sem cor. Nunca mais o puderam
levar a falar sobre o mesmo assunto. Tinha um grande des-
prezo por esta porcaria de vida e fugia agora para o peque-
name. a tromba a bambuar-se-lhe sobre a boca, numa festa.
Tiroo da algibeira uma boquiha de âmbar com uma mulher
em pelota e um prospecto da casa John & Fisley, London —
Segurança e Método, preços módicos. Assassinio de todas as
sograas com o maior respeito e sem interreção da policia.

E ele, descendo as escadas, com júbilo na voz rouca:

haha

78
PALHAÇO
ACTOR

- Então muitas boas noites, senhor Pita!... Não
toma mais nada?

Tornado de respeito por tanto sabe
com humildade se despediu:

79
PITA
LADRÃO

- Não tomo. Podes te ir embora. Boa noite...

80
PALHAÇO
ACTOR

- O homem material não existe. A vida é uma
convenção. O que existe é sonho/ o sonho é a única realidade.
Sonhar! Sonhar!.... ~~~~~~~~~

|
nada

|
Tema solo de flauta
(1/2 tom acima)

VIII

CONSELHOS DE LADRÃO

1
hade
|

74
DONA
FELICIDADE

- Cada criatura que passava arrastava consigo uma cauda, feita de luar ou de escarlata. Lentamente pôde distingui-los, classificá-los, conforme o manto régio Ou pobre que traziam.

Miseros, ressequidos e sacudidos pela dor, traziam uma cauda cor de cinza. Poetas nimbava-os uma poalha de luar e de oiro. Velhas ardidadas eram envolvidas por uma atmosfera baça, onde o imortal amor ainda luzia. Muitos arrastavam caudas enormes pela lama, despedaçavam-nas de encontro às esquinas, e alguns procuravam deitá-las fora para não mais pensarem num passado tenebroso.

O Pita sabia tudo: conhecia os segredos de todas as famílias e os vícios de todas as mulheres: em cada noite seria capaz de dizer quem estava para meter uma bala nos miolos, falido e desonrado, e quem adormecia no colo de nuvem da mais linda mulher da cidade. As suas conversas faziam frio: tinham dentro pesadelos e lama. Fora amigo intimo dum banqueiro, jornalista assalariado para cobrir de infâmias os inimigos do outro. Tinha tido dias em que fora rico e pagara todas as suas fantasias - e noites em que tremera de frio à porta dos cafés, com a lista e preços das criaturas que se vendem.

75
PITA
LADRÃO

- Pois quê!... Donde provem que as feiticeiras leiam no passado do homem?... Nada se perde, cada um traz consigo, todo o seu passado, vestígios de ideias, crimes, horas de amargura e horas em que se beijaram lábios de mulher, por quem a gente se perde... Creia na minha experiência da vida!...

Depois da conversa com o Pita, o cérebro em lume, ia pelo bairro pobre e desdentado, procurando ver materializado o rasto de que ele lhe falara, como um manto que cada um arrastasse, invisível e tecido a ideias e a sofrimentos...

76
PALHAÇO
ACTOR

- E para ver?... Para ver esse rasto que cada um traz consigo a nimbá-lo, luaroso e ferido de lágrimas?... Serás tu, Pita amigo, o Diabo, e queres em troca a minha alma?...

77
PITA
LADRÃO

- Não, não sou, com pena o digo, o Diabo... Quem me dera ser o Diabo!...

- Vai sofrer, espremer da Vida a experiência. Deixa que te calquem o coração, assiste ao despedaçar do teu sonho, à tua humilhação, e depois saberás...

E apontando com o seu dedo nodoso e descarnado para a cidade, disse:

IX

MONÓLOGO A DOIS

81
PALHAÇO
CANTOR

- Da existência ficara-lhe o olhar
o olhar desvairado para dentro
o olhar de quem segue
na alma um sonho
o olhar de quem anda
na vida por acaso.

82
PALHAÇO
CIRCO

- Dos que só vivem por dentro e se espanta
de que a dor lhes diga que o mundo existe.

83
PALHAÇO
CANTOR

- Já no seu covil

pusera-se a pensar
o coração premido
e vontade de chorar

como se escarlata quimera
para sempre perdera

Os tipos que só a essa hora
aparecem, rentes às muralhas,
envoltos na sombra, a esconder
vícios e lágrimas, davam-lhe,
nas noites febris, a sensação de
um galope através dum sonho.

84
PALHAÇO
CIRCO

- Quantos desgraçados de tanto sonhar,
puseram em brasa estas paredes negras?

85
PALHAÇO
CANTOR

- Yivia na falsidade
de tanto sonhar
e fora da realidade
não podia senão sonhar

86
PALHAÇO
CIRCO

- Valeu a pena? Valeu a pena?

87
PALHAÇO
CANTOR

- Eu nunca fui moço
eu nunca fui amado

e que fingidos risos de indiferença

fui sempre banal
como cartaz como jornal

Há dias que me deito na cama
sem vontade de me levantar.

88
PALHAÇO
CIRCO

- Olho em roda. Toda a vida me parece aborrecida e vazia.

X

COMENTÁRIO SINCERO?

89
BRANDÃO

- Muitas vezes me pergunto até onde é sincero. Nem ele mesmo decerto o sabia.

Quantos chegam a velhos vivem na mentira, acreditando que souberam dedicar-se e que na vida se pode ser bom? Se procurarem bem no fundo da alma, esmiuçado cada um desses sentimentos, encontra-se apenas o egoísmo descarnado e duro....

Como intro.
só até ao comp.^o 6

em fundo, toda a cena
"Viste tudo, Gregório"
com outro ritmo (não
denunciar o "bolero")

XI

AGONIA DE FUNCIONÁRIO

90
PALHAÇO
ACTOR

- Pita!

Nessa noite recebera do Pita um recado para aparecer em casa, depois do circo, com mais dois ou três palhaços. Voltavam silenciosos, a grandes passadas na noite, ainda com os trapos da representação.
Três horas da manhã. Junto ao arco, na rua enlameada e negra, o Pita tinha tintas de diabo de mágica que vai perder uma alma. Agarrado à Velha, fazia gestos de epilepsia, parecia querer convencê-la, levá-la, diluí-la no negrume dum boqueirão de viela, escancarado como duas maxilas formidáveis. A sombra do lampião desenhava a carvão na muralha um aranhão enorme...

91
PITA
LADRÃO

- É o Gregório que está a morrer... E eu quero que ele leve para a cova a ilusão da mulher seduzida.

Mostrou-lha com um gesto, e depois arrastou-a pela lama, e partiram.
O Gregório estoirava. Fora sempre pálido como os ofícios que escrevia. Nunca vira mulheres: passara a vida sobre o papel da repartição. Nunca tivera lágrimas, coração, alma. Ouvira falar em arreores e passagens e havia anos que a doença o atirara para um quarto da casa de hóspedes de Dona Felicidade. Hóspedes eram, bem sabem, o Pita, uma tropa de palhaços, o Anarquista e o Doido. Pelos fins dos meses havia terrores, pragas. O Pita, porém, intervinha com a sua ciência da vida: fechavam-se as navalhas e a Dona Felicidade escrevia garatuñas de contas no livro das Perdas e Danos...

92
DONA
FELICIDADE

- Paguem a conta! Paguem a conta! Ou morrem de fome!...

a Dona Felicidade, com a boca cheia de pragas, pôs-se a bivar à porta:

93
PITA
LADRÃO

- O pequenname!... Você nem sabe o que perdeu, meu rico senhor Gregório... Há-as por aí das mais belas carnações de frutas, polpas aveludadas, olhos verdes e quietos como lagos... O pequenname, amigo Gregório, é a consolação do mal de viver...

94
GREGÓRIO

- E os requerimentos, ilustríssimo e excelentíssimo senhor?...

95
PITA
LADRÃO

- Primeiro acto, senhor Gregório!

O Gregório morria. Tinha ainda uma hora de vida quando Pita fez um sinal com o dedo curto e a porta do quarto se abriu. Os palhaços, escarlates uns, cor-de-poente, leves como nuvens, entraram, e, cobras que se enlaçam num molho, torceram-se, deslocaram-se, tiveram gênio, risos, gargalhadas, subitamente desfeitas pelo terror. Outro gesto do Pita e, quais pedregos de nuvens do poente varridas pelo vento, pela noite, a troupe colorida dos clowns se desfez.

96
GREGÓRIO

- As árvores? Como são as árvores?

- E deu um assobio.
Então o Gregório, que nunca vira árvores nem paisagem, pedia-lhe com humildade uma leve explicação:

97
PITA
LADRÃO

- Como cabelos de mulher ao vento, como pragas a silvar raivosas entre a penedia. Há-as todas verdes há-as roxas, há-as em brasa, conforme a sua floração.

nesse país onde o Deus dominava, as almas se purificavam, pois que ninguém ao certo saberia dizer se o seu noivado se continuaria no infinito. O amor transformara-se. Já se falava baixinho, e os olhos arrasavam-se de lágrimas: o amor, pouco a pouco, se mudara em sentimento religioso.

Esgalhada e seca, os seus frutos eram cadáveres ou corpos. Ninguém se lembrava que tivesse dado folhas nem flor, a árvore enorme que havia séculos servia de força: ninguém se deitava à sua sombra, e até o sol fugia da árvore estarrecida e hirta que havia séculos servia de força.

98
GREGÓRIO

- E a paisagem?..

99
PITA
LADRÃO

- Como mulheres deitadas, de enormes seios duros - e verdes, inteiramente diluídas em verde, meu rico senhor Gregório.

E pois que ele ficara absorto, de olhar perdido, num esforço de imaginação para ver, o Pita escreveu na parede a lápis: *intervalo de vinte minutos para sonhar.*

Depois, a outro sinal, o Anarquista entrou e, em palavras frias, em frases incisivas e curtas, pôs-se a narrar

100
ANARQUISTA

- A miséria, os que morrem despedaçados na engrenagem da vida, os exasperados, o Diro que tudo calca e de tudo triunfa, a Multidão, no futuro, tolhida de fome e de ideal, despedaçando tudo, aniquilando tudo num enxurro raivoso.

101
GREGÓRIO

- E nunca mais haverá requerimentos?

numa ansiedade o Gregório.

102
ANARQUISTA

- Nunca mais! Nunca mais!...

103
DONA
FELICIDADE

- Vocês têm reparado numa coisa?... Que se vertem lágrimas unicamente por vermos os olhos de outros doentes.. É por uma questão de alma idêntica que damos esmola e que temos pena das desgraças alheias. A piedade é afinal por nós e não pelos outros...

I comp. 55

*Comunicação antes de
1. e fala
(proteger a introd.)*

XII



DOR DE PALHAÇO

104
PALHAÇO
ACTOR

- A desgraça nos outros aflige-me por
egoísmo. E é por um raciocínio idêntico que dou esmola.
Egoísmo - egoísmo e vaidade.

105
PALHAÇO
CANTOR

- Sou um duro egoísta apenas
sem alma
que se enteneça
mas nada de grandes penas
a calma apenas
tudo sentir
pouco sofrer.

a calma,

Sou um duro egoísta apenas

106
PALHAÇO
ACTOR

- Eu que me comovo com uma palavra
sentida, serei tão incompleto, que não seja capaz de sofrer?

*modo de separar do
que segue?
- lírico / silêncio?
- ou grande mudança
musical de estilo?*

31 - 38.3
76 - 83.3

XIII

PESADELO DE MORIBUNDO

107
RAINHA

- Génios de olhar seco
para o filho morto
e sentido choro
para o acidental

como vós alguém chorava
mas não do essencial) *bis*
da fruta que se lhe roubava
mas não da dor maternal) *bis*

108
REI

- Um Deus hirto e à espera
no interior da floresta
um deus de garras de ferro
esperando a hora funesta

havia flores à beira da cova
para os infelizes da sorte
em cada ano uma oferta nova
de amorosos no altar da morte.

109
RAINHA

- Pesa na primavera
época dos noivados
o terror nos corações

quem viveria?
dos que falam de amor
à noite
qual escaparia) *bis*

mãos enlaçadas
e olhos nas estrelas
as almas enamoradas
gelam com horror

gelam

pesa na primavera

Era uma floresta enorme e silenciosa. Os esqueletos negros das árvores pareciam séculos petrificados. Nada bulia: a vida parara ali, estancada e lúgubre. As raízes em garra mordiam a terra, e, entre os troncos, um Deus sinistro aparecia — vaga realização do espanto.

seu corpo disforme perdia-se na noite; a sua cabeça mergulhava nas patas, a caverna da boca prestes a triturar os homens e as coisas.

110
REI

ky
- Onde vieste tu) *bin*
meu amor?
existes porventura
ou és imagem
cristura
que não perdura?

Se te beijo
cuido por vezes) *his*
que és morta

111
RAINHA

(-----)
- Disse o Poeta
que o amor era imortal

e só no infinito
se sublimava
a sua ânsia

112
REI

- E que importa gritar
se o som não vai passar
de cem passos de distância?

113
EPONINA

A vida rompeu
onde tudo era breu
e embora fosse morrer
a morte começou a reverdecer) *bis*
(...)

and
dois mendigos
e amavam-se *de amor*

demorou deus) *bis*
a olhá-los
demoraram os carrascos
a levá-los) *bis*

Toda a terra fermentou
vozes ventos e murmúrios
deu água a fonte que secou
vozes ventos e murmúrios

passou a noite absorto
no negrume opaco da noite
sois, nuvens, aves - um deus morto
no negrume opaco da noite

*Passagem
C7/D7 → Gm*

*fazer
transições*

*desclar
p= Gm/Dm*

Nem sequer eram extraordi-
nariamente belos, mas deles irradiava uma força imensa —
daquela moça sardenta, com resquícios de palha pegados aos
cabelos, daquele homem cuja carne aparecia entre os farrap-
os. Não davam pelo Rei, não davam pela Morte. Amavam-
se. Atréviam-se num país que ele mandara assolar para que
nunca mais diante dos seus olhos pudesse aparecer a imagem
da vida e do amor!

Olhou-os o Rei durante alguns minutos em silêncio, e de-
pois fez um gesto aos carrascos, que logo se apoderaram de-
les e os levaram. Sorriam-se os mendigos cheios de terra e er-
ras, e, enfiados, olharam um para o outro, ignorando o que
se passava em volta — olhos nos olhos, mãos nas mãos...

- quem logo de anterior?
- não se pode fazer nada para separar de anterior?

XIV

DEUS É MONSTRO

114
PALHÇO
CANTOR

- Ninguém ouve o grito imenso
das bocas inocentes
ninguem ouve o grito imenso
das bocas sacrificadas
ninguem ouve o grito imenso
dos que morrem
pela ideia
pelo sonho
ninguem ouve o grito imenso
dos que ofêrecem a vida
por outra vida
ofêrecida

O deus monstruoso reclama sempre
mais vítimas

↳ logo!
transições para
"Viste tudo, fugitivo"

XV

E FINA-SE
O FUNCIONÁRIO

115
PALHAÇO
ACTOR

- Sou tão comediante, que nunca digo o que penso e o que sinto. Também nunca oiço o que os outros dizem, e, enquanto finjo escutar atento, penso no que vou dizer.

116
PITA
LADRÃO

- Abrevia menino, abrevia, senão ele estoura antes de findar o espectáculo.

117
PALHAÇO
ACTOR

- E da conversa saio sempre humilhado e irritado....

118
DONA
FELICIDADE

- Há homens tão desgraçados que até na dor são ridículos.

Outros têm na vida um método e vão por aí fora e tudo subordinam às suas ideias, torcendo a vida p'ra que ela caiba dentro das regras. Tudo em torno é indiferente a esta tragédia, em que uns não sabem para que representam há tantos séculos, e os outros, de tanto ecutarem, vão ouvindo por hábito sempre as mesmas coisas, monótonas e repetidas...

119
PITA
LADRÃO

- Faça-se silêncio, respeitável Dona Felicidade.

120
GREGÓRIO

- Não quero morrer ainda! Não quero morrer!...

Efectivamente o Gregório agonizava quanto o Pita introduziu a Velha, ainda a fazer-lhe supremas recomendações e procurando comportar-lhe um molho de cravos de papel que ela trazia no seio.

E todos arrumados à porta, os palhaços, como restos de mantos pomposos, o Doiço estarrecido, esperaram, enquanto o Pita espreitava pelo buraco da fechadura...

Quando entraram no quarto, o Gregório tinha os cabelos revolucionados e o olhar perdido. A mulher acocorara-se a um canto.

Handwritten notes and arrows:
↓
fudo
humilhado
↓
↓
↓

121
PITA
FILÓSOFO

- Viste tudo, Gregório
 O estupor da vida é assim
 e agora seria repetir sempre, *mesma sempre*
 que sim
 maçada inútil pela certa
 meu amigo

a morte liberta, *liberta*
 vais ser árvore, paisagem
 vais ser cor
 vais ser nuvens de poente
 vais ser livre) *his*
 chefe de repartição, lábios daquela mulher
 alma de um outro Poeta

um último esforço
 uns minutos de dor/ *apenas*

vai eu

122
GREGÓRIO

- Pita, senhor Pita, ilustríssimo e excelentíssimo senhor,
que é que fez à minha alma?...

123
PITA
FILÓSOFO

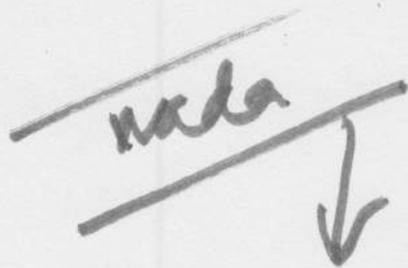
- Abri-lhe um rasgão
 para o sol beberes
 cores de clarão
 antes de morreres

E todos se curvaram em volta do catre, os palhaços mascarados, rosos, púrpuros, a Dona Felicidade, o Poeta, para verem o último esgar do Gregório, enquanto o Pita berrava:

124
PITA
LADRÃO

- Pode cair o pano!

ÚLTIMA FARSA



XVI

QUEIXAS
DE UM PALHAÇO
DE LUTO

125
PALHAÇO
ACTOR

- Sabes que não tenho culpa. Há outro ser dentro em mim que faz, sob a minha vista, tudo o que é mau, sem que eu tenha energia para protestar, nem para me opor...

Levo sempre comigo um dos múltiplos seres de que sou composto, acordado e de pé - a Dúvida.... Duvido de tudo, até das coisas mais simples. Sou como uma guitarra afinada demais e a que estalam as cordas...

Ser morto ou ser rei, enforcado ou carrasco, não me espicaçaria com novas sensações. Estou gasto e velho, porque - ó desgraça - sem ter vivido, tudo vivi.

Sucede-me ir pela rua fora e ter a impressão de que toda a gente parou a olhar-me. Não me volto para não endoidecer, porque tenho certeza que dava com a multidão parada, imóvel, a olhar para mim.

Os risos, oiço-os e perseguem-me como o chapinhar da maré que sobe...

Estou doído! A minha vida é uma continua humilhação em busca duma quimera.

É inútil, tudo é inútil: não é a luz do candeeiro que faz surgir os espectros, quando a minha alma está cheia deles.

Tudo em mim me diz que tu existes. Existes mais do que pertencessees à realidade.

Sonhar é bom - mas não é tudo...

E depois escuta: ainda esta noite, quando eu bebia o luar, senti que te tinhas sentado ao pé de mim... Ouvia a tua respiração lenta, e não me voltei para que não fugisses.

...Sei que a multidão, no silêncio e no negrume, arranca-va de súbito em correrias pelas ranhuras esganadas das ruas, sem destino e sem sentido. Curvada, numa dor contida e atroz, sumia-se na noite e deixava um risco de som magoado como uma viola que se parte. Ficaram-me na memória restos de frentes aflitivas, linhas, esgares, corpos hirtos e rapados. Toda a turba fugira, subindo um calvário, descera o monte, alagara o vale, terras nuas até ao horizonte acarvoado, com um brilho de dúbia claridade quieta ao meio... E, porque as nuvens alastrassem, desaparecera, comida da treva, como se a tragasse, num grande silêncio, a própria noite.

E, como a luz caísse então para o fundo, toda a planície se coalhava da turba. E os gestos que eu fazia repelia-os a multidão, e risos baixinhos, como um chapinhar de maré, iam agora do princípio ao fim da planície...

XVII

DELÍRIO DE PALHAÇO DESMAIADO

126
REI

- Santa Eponina
pálida e linda
para as multidões
estremece a montanha
submete os ladrões
era uma flor
a flor humana

En'

127
PALHAÇO
CIRCO

- Flor criada entre mulheres
de brocado vestidas
no seu berço de oiro, rei e rainha se curvavam
para a pureza que entre rendas,
lhes sorria

Flor,

*a pureza, a pureza
entre outras coisas, a pureza*

não canta

128
RAINHA

- Fugia do castelo
perdia-se na floresta
entre troncos sem cabelo
procurava os lenhadores
E fechava-se na fresta
de todos os pavores

*bis
Onofre, Onofre*

129
EPONINA

- Onofre! Onofre!
U! u! u!...
Vamos ver os bichos!...

Mais que beleza havia nela encanto e alguma coisa que não pertencia à terra — expressão de inocência e ao mesmo tempo de espanto diante do mundo, como se a figura doirada e branca pressentisse a desgraça e a dor.

Cresceu e vinham cavaleiros de países afastados para se baterem por ela, e trovadores, guiados pela sua fama, esperavam à noite sob o balcão do castelo real que ela aparecesse para a cantarem. Não caminhava: chama clara que desliza, ninguém a recordava senão como uma brancura e um olhar de piedade que passasse.

Lugo se sentia um rugir de folhas e de entre a esteira de esparto, a vasilha de água e alguns ossos esburgados, emergia, retuando com feroicidade, a esboca hirsuta de um bicho, metade pedra, metade sapo, com a boca maior que o antro escuro, e que se vê-la ficava logo dominado, transformando-se no seu rico sem dentes.

130
PITA
FILÓSOFO

- Já em pequenina
homens e bichos submeteu.

131
PALHAÇO
CANTOR
+ PITA
FILÓSOFO

- Sofrimento e miséria
como aprendeu?

132
REI

[Nada sabia da dor
e só cismava na dor.
Debruçada do castelo
ela interrogava a mudez
num sonho belo
de que acordou uma vez

uma voz a chamava
de dentro de nada
uma voz lhe ordenava
que partisse
e que fosse calcada
toda inteira
x que os seus redimisse
erva rasteira
de deus

A vida sempre vem

133
PALHAÇO
CANTOR
+ PITA
FILÓSOFO

- Como soube ^{*ela haver*} que há
nas noites de luar
escondidos nos montes
mendigos
mendigos sequiosos de amar?

134
EPONINA

- You partir sozinha... *to*

135
PITA
FILÓSOFO

- Deus mandou.
A voz chamou-a mais, mais forte.
Até virem os castigos:
dois anos sem pão.

Deixem cumprir a vontade de Deus!

Opuseram-se os pais. Mas ela todo o dia e toda a noite chorou. Vieram bispos, santos e o velho solitário, seco e nodoso, que parecia o tronco de uma árvore, e que disse:

136
REI

- Antes a leve a morte
do que o diabo a colha,
puro lírio
entregue à imunda escolha.

Ofereceram os reis os seus tesouros, construíram-se tem-
plos, fizeram-se promessas. E a santa Eponina, sem uma
queixa, todo o dia e toda a noite chorava.

137
RAINHA

- Mas outro ano estéril veio.
Levou a corte
trouxe a morte.
Campinas onde nada medra
campos ossários de pedra.
Fantasmas em bando
punhos ao rei mostrando
emigra a população
e o rei só diz que não.

XVIII

COMENTÁRIO INGÊNUE

138
BRANDÃO

- Todo este Diário é áspero, com frases inacabadas, monólogo de quem vai numa subida a pique, como se o próprio K. Maurício me mostrasse a sua alma de grotesco, incompleto, mas tão dolorida e tímida, que me enche de piedade. Que estranho pessimista este, tão ingênuo! Decerto...raramente pensou que teria leitores.

XIX

QUATRO PALHAÇOS
EM DUELO

139
PALHAÇO
ACTOR

- Quis ter génio à força, e as suas farsas
incomodavam como um remorso. Lembrava misérias,
deboches a uivarem com fome, e era lamentável e triste como
uma tumba. De chapéu alato e casaca enorme, rígido e longo,
parecia um cadáver fugido ao cemitério. Pouco a pouco
empregaram-no em serviços ridículos e, como ninguém lhe
dava palmas, tiveram de o pôr na rua, porque metia medo...

Foi assim que eu o conheci, e só eu com ferocidade me
ria, não das suas farsas, mas da sua alma e da sua desgraça -
para ter de me rir de alguém, para me vingar nele da minha
nulidade - para me rir de mim!...

*Intro claria-
o tema do
separado
e
fica o ritmo
do acomp.
até entrar
a cantos*

140
PALHAÇO
CIRCO

- Velho , com fome, enquanto outros na
claridade dos circos eram aplaudidos! Que raiva de morte!

141
PALHAÇO
CANTOR

- Ainda se do génio
se tem a consciência
tudo bem, tudo bem
mas com a certeza da nulidade
da velhice, da indigência
nada bem, nada bem

ver-se por dentro a gente
odioso, mesquinho, impotente
perante o outro indiferente
nada bem, nada bem
(separado)
ou o que é pior, bem pior
o que dá vontade de assassinar
o saber-se o que os outros dizem
coitado! *coitado!*
coitado
nada bem, nada bem

↓ *direita*

↓ *segua*

142
PALHAÇO
CIRCO

- Coitado de quê! Eu não preciso de amigos para nada!

143
PALHAÇO
ACTOR

- Começaram a cavar-se-lhes rugas da inveja, aos cantos da boca. Habitou-se a dizer bem dos que odiava, para que eles consentissem que tivesse algum talento. E nem uma mulher em quem bater? Ninguém para torturar, ninguém!...

144
PALHAÇO
MÚSICO

- Porque não fazes isso?...

145
PALHAÇO
ACTOR

- Já o fiz, porque já o sonhei: já tive a imaginação do triunfo, de ter vencido, de ver os sorrisos amarelos dos meus inimigos.

146
PALHAÇO
MÚSICO

- Oh meus amigos!

147
PALHAÇO
CIRCO

- Quem me diz a mim que não sou tão nulo como os outros, absolutamente como os outros?....

148
PALHAÇO
MÚSICO

- Para que te humilhas, besta ?

149
PALHAÇO
CIRCO

- Como sou vil, mostro a minha alma mesquinha a sangrar...

150
PALHAÇO
MÚSICO

- És incapaz duma grande dôr!?

140
Violino
retorna
fuma cantado
(along. + piano)

141
e evolui
lentamente
para

151
PALHAÇO
CIRCO

- Eu? Já me aconteceu ter lágrimas pela sorte de uma pedra que nem minha conhecida era.

152
PALHAÇO
ACTOR

- A desgraça provém não do sofrimento em si, mas da razão...

Lutar, para quê?

153
PALHAÇO
MÚSICO

- Acho que só vale a pena dominar, conduzir a multidão estúpida e ignara.

Pois a vida é isto!

154
PALHAÇO
ACTOR

- Estes apertos de mão, esta mentira, este monólogo entrecortado de risos, de lágrimas e de infâmias? Este sonho e esta lama? Esta inveja e esta vaidade? Isto é que é a vida?

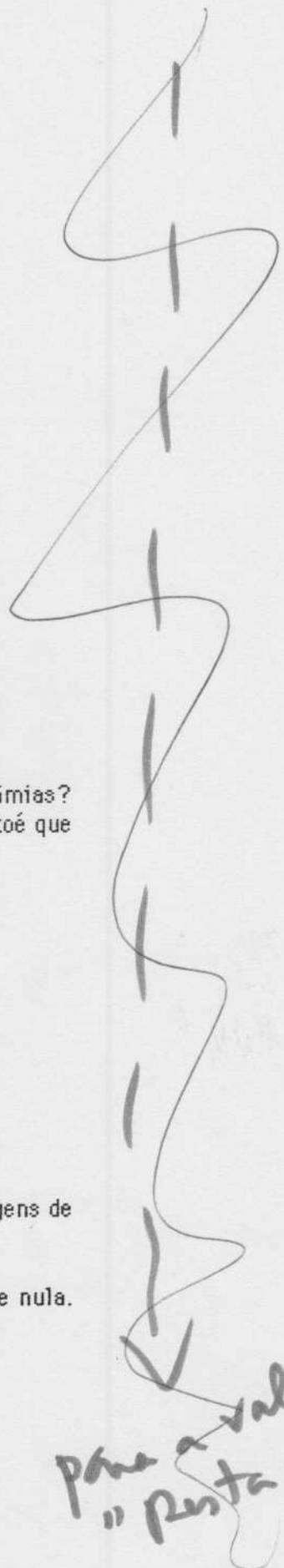
155
PALHAÇO
MÚSICO

- Ou eu sou diferente?

156
PALHAÇO
ACTOR

- Sou rei e amado, com os fantasmas que criei e que vivem na minha companhia. Até as paisagens de sonho me parecem mais belas que a realidade.

É dia de entrudo hoje. Toda a vida é aborrecida e nula. Só tu me restas, minha vida.



para a valsa "Penta-me"

157
PALHAÇO
CANTOR

- Resta-me
 habituar-me à vida
 habituar-me até não ouvir
 não ver
 habituar-me até a aplaudir
 roçar-me pela vida prática até ficar
 igual a todos
 tudo na alma armazenar) *bis*
 do que é falso, usado e banal
 até a todos me tornar igual
 com todos me parecer
 ou então morrer) *bis*

158
PALHAÇO
ACTOR

- Se me vejo assim, se me visiono daqui a
anos assim - recuo de pavor ... Ali está sobre a mesa a pistola
aperrada.

159
PALHAÇO
MÚSICO

- Que é ser pessimista?

160
PALHAÇO
CANTOR

- Na vida crer
 como diabólico ser

 que blasfemar
 é ainda
 em Deus acreditar

161
PALHAÇO
MÚSICO

- Que é Deus?

162
PALHAÇO
CANTOR

- Força inconsciente, cega, profunda
 rebenta na matéria, as árvores floresce
 de emoção os poetas inunda,
que tudo transforma e em tudo cresce
 num aluvião
 corações, cérebros, lágrimas
 até mais tarde
 noutra primavera

↑ de flor cobrir as cerejeiras ↑

163
PALHAÇO
MÚSICO

- Tenho medo de morrer. Porquê?

164
PALHAÇO
ACTOR

- Pelo desconhecido: e muito mais me aterra outra vida, consciente, do que o repouso. Tivesse eu a certeza de que a morte era apenas a transformação e nada de pior, e, morto, me plantassem.

165
PALHAÇO
CIRCO

- Ser couve, árvore, macieira do meu quintal.

166
PALHAÇO
ACTOR

- Esquecer!. Felicidade de ser árvore!...

167
PALHAÇO
MÚSICO

- ...Ser hoje homem, amanhã ser sapo ou ser flor, que importa?

168
PALHAÇO
CIRCO

- Tudo se paga.

169
PALHAÇO
ACTOR

- Porventura um bicho se põe a pensar: fiz mal ou fiz bem?...



170
PALHAÇO
CANTOR

- Como é boa a vida ^(his)
 água de rio
 chegada ao mar
 vida perdida
 água de rio
 não pode voltar

*Como é boa a vida
 como é boa a vida*

custa a perdê-la
 esperança quimera
 custa a perdê-la
 sonho que espera

um sonho que espera

por tudo o que não se realizou
 por tudo o que fugir se deixou

his
 não é o corpo que me custa deixar ^(his)
 é alma inquieta ficar

171
PALHAÇO
MÚSICO

- Eu hoje estou doente. Nunca escrevi pior.

172
PALHAÇO
CIRCO

- Mas não posso mais. Sinto que daqui a duas horas estou doido.

173
PALHAÇO
ACTOR

- Quero dizer-lhes uma coisa: acreditem que tinha algum talento.

174
PALHAÇO
CANTOR

- E os outros são felizes...

Não me importo de o dizer
 já ninguém me pode fazer mal
 o meu (miserável) companheiro
 fui eu que o matei
 o meu miserável companheiro
 (fui eu) que o enforquei
 por maldade, por maldade

fui eu que o matei

*a tudo se chega,
 a tudo se chega,
 já ninguém me pode fazer mal*

175
PALHAÇO
ACTOR

- Vou eu mesmo procurar-te: a pistola aperrada terá, enfim, para sempre unido à minha vida a tua vida...

176
PALHAÇO
CANTOR

- o que tenho é medo da morte
posso fugir
os filósofos ler
o que tenho é medo da morte
(mas confesso confesso) *que vale viver*
tudo é vão
menos viver

177
PALHAÇO
ACTOR

- Eu nunca estou só. Quando me isolo é que estou mais acompanhado: torturas, sombras, ilusões...
Só o sonho nos resta e só por ele vale a pena viver.

178
PALHAÇO
MÚSICO

- Vês tu?

179
PALHAÇO
ACTOR

- Às vezes tenho esta ilusão: de que o meu quarto está cheio de teias de aranha.

180
PALHAÇO
MÚSICO

- O amor é grosseiro?

181
PALHAÇO
ACTOR

- O sonho é o único refúgio que me resta.
Tenho Hélia, que criei, à minha espera...

182
PALHAÇO
MÚSICO

- Vale a pena?

183
PALHAÇO
CANTOR

- Às árvores, para dar flor há-de lhes doer.

*CORTEJO
VIOLINO*



PALHAÇO NA CONSULTA

184
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- Estás pronto!...

185
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Eu nunca esto só. Quando me isolo é que estou mais acompanhado.

186
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- A vida aborrece, mas cada um guarda no seu íntimo a secreta esperança de realizar não sei o quê...

As mesmas acções, as mesmas cores, direi vós... Cá fora é certo, mas dentro o cenário muda: o cenário está em brasa. Queres ser rei? Queres vingar-te?

187
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Porque é que as mulheres o adoram.

Esta estranha sabedoria do Pita, o seu conhecimento da mulher, fez com que ele, naturalmente, pensasse em o consultar. Conhecia-as a todas, e dava-lhes conselhos práticos, penetrados de sabedoria, que elas escutavam com avides. Sabia interessá-las como um amigo discreto e concituoso os como um velho armário onde se encontra de tudo, remédios para males amorosos, filtros que entontecem e perturbam, meias-coroas para ocasiões de desgraça e uma grande benevolência por todos os vícios e por todos os crimes. Passava-lhes a mão pelo queixo, beijava-as ao pé da orelha e, quando os amantes saíam, rompia ele também por detrás da mobília, com as palavras que alucinam e põem vibrações quase dolorosas nos nervos das raparigas.

Era-lhes indispensável: escrevia-lhes cartas de amor alucinantes e ia entregá-las em troca do vil metal!

188
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- O pequenname, meu amigo, é afinal fácil de levar: basta lisonjear-lhe o vício. Na alma de cada mulher, há sempre um pequenino diabo escarlate. Basta acordá-lo, se ele dorme.

Às abandonadas, não lhes quebro a ilusão da volta do amante. Às que amam, digo-lhes que ainda não é bastante. Às que têm o risco da primeira ruga na face e a ranhura do desgosto de começar a envelhecer a alma, conto-lhes que o amor é imortal e que o oiro tudo pode.

E a todas ensino que, do amor, é necessário saber-se espremer o metal dos velhos, as notas de banco dos ricos que amam as repariguinhas perversas... Eis o meu segredo, vê tu! Banal como uma verdade sólida e antiga.

o Pita passou a mão pela calva, acen-
deu uma antiga
antiga ponta de charuto e falou conceitu-
osamente

189
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Pita, senhor Pita, tenho uma coisa a pedir -
-lhe...

Vai um cálice de genebra? Tome qualquer coisa, senhor Pita. Peço-lhe que tome alguma coisa.. Trata-se da minha vida...

O seu olhar era incerto. Os dedos contraíam-se-lhe e a palavra saía-lhe sacudida. Enfim, como quem toma uma grande resolução, disse:

Então o Pita lhe disse com certeza absoluta

190
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- Você ama...

191
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Amo.

Cam) lido começa a dançar (até à pag. 50)

sujo, desertas como lápides funerárias, as garrafas cheias de poeira enfileiradas no armário...
E ele confessou a tremor:

O Pita cocou a calva, alastou as farrapas gastas do cabelo e num grande silêncio encheu devagar o copo de genebra.

192
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- Procedamos com segurança e método. Você ama. Está bem. Amar uma linda mulher ou amar uma ideia, amar seja o que for a valer na vida, é um bordão a que nos apegamos e que nos ajuda a caminhar até à velhice.

E ela ama-te?

198
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- Compreendeste-as mal, eis tudo...

199
PITA
FILÓSOFO
LADRÃO

Olha as que passam na rua
lindos ensejos
oferta nua
a pancadas e beijos

olhos negros
que prometem beijos

esquece amarguras e quimeras
nos braços do abandono
quantas breves primaveras
elas roubam ao teu sono

olhos
olhos negros
de pancadas e beijos

e queixas-te estúpido!

200
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Não ,senhor Pita, por mais que queira não posso. O que me oferecem é a voluptuosidade, e nem sequer olham para mim.

Foram todas minhas amantes em sonho... Umaz vezes, virgens e púdicaz - outrasvezes voluptuosaz... à minha vontade, encerrado na escuridão do cubículo, apertava-as nos braços, e violava-as como num saque... E sonhei. E contentei-me em sonhar - até que deparei com esta mulher que quero possuir. Agora que su ignóbil, agora que só me resta a morte - encontro o meu sonho real e tangível. Amo-a duma maneira extraordinária, amo-a como quem se despede da vida.

201
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- Mas então diz-lho...

Ele disse com simplicidade muito humilde:

193
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Olhe para mim...
Nenhuma mulher se importou comigo. Eu nunca fui amado.

194
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- És um desgraçado.. Que importa ser-se ou não grotesco, para que lábios como ventosas nos suguem apaixonadamente?... Crês tu acaso que os tipos de beleza ideal é que são amados com maior sofreguidão?... Burro, que não conheces a alma humana, nem o coração das criaturinhas, ávidas de mistério e de dor, de dedicação e martírio... Oh, que inagualável prazer, não é o dum sapo amado por uma flor rara?...

De resto as mulheres são curiosas e têm o diabo na alma: o abismo atraia-as. A sabedoria consiste em encantá-las ou surpreendê-las: despertar-lhes o interesse a curiosidade, porque se é pícaro, perverso ou admirável de beleza - que importa! Depois, as mulheres amam os extremos: toda a audácia ou a excessiva timidez, os assassinos e os santos, os heróis e os nulos.

Não sejas tímido, ou antes, não desconfies de ti: põe-te a querê-la a valer, a querê-la com todo o teu coração e todo o teu cérebro. Não duvides e será tua.

Quer! Quer! Ouviste?

195
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Não posso: não tenho energia, nem força.
Sinto vontade de morrer...

196
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- Porque não experimentas tu as mulheres que se vendem?

197
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Aborreço-as...

202
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- Repare para mim, olhe para mim. Não vê?
Não compreende que a minha fealdade não é só
por fora, mas por dentro? E não percebe que se ela calcasse
aos pés este amor seria para mim
pior que a morte.

Não sei bem que impressão amarga e simultaneamente
cândida havia naquele ser grotesco, tão humilde a confessar
que amava. Não sei também que baque o Pita sentiu, que se
transfigurou comovido e lhe disse:

203
PITA
FILÓSOFO
LADRÃO

- Tens uma só coisa a fazer!

You-ta dizer. *tu*
Morre por ela *tu*

só por ela *tu* podes ter
esse último prazer

um fim que tu não mereces
morrer

para se ver a tua alma
árvore seca
reverdecer
verdecer

*ligar com tema
Camélia
até*

204
PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- Mata-te - porque morres em estado de
graça. Despida da matéria imagina a tua alma
acompanhando-a sempre.

205
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO

- E o outro?

O Pita coçou a calva :

PITA
LADRÃO
FILÓSOFO

- É verdade, há o outro.. Há o outro que é matéria sólida e
que vem meter o nariz num caso destes tão espiritual... Mas
tenta. É uma experiência, dirás... Mas é uma experiência que
te não custa nada - se a alma existe. Larga essa carcaça
ignóbil, vai enfim para ela em espírito, rodeá-la de dia e de
noite... Adeus!



XXII
PITA
XXI

REMORSOS FILOSÓFICOS
DE LADRÃO

207
PITA
FILÓSOFO

- Prá frente! Prá frente! (para o senhor)

- Miséria humana! Grande ladrão que tu és e te pões a aconselhar a esse desgraçado que morra, porque no fim de tudo o que tens é inveja, estupor! O que tu não podes é entrever a possibilidade de ela o vir a amar e de ele ser feliz com uma linda mulher, quando tu és um desgraçado!...

Eu não sei bem explicar o coração do Pita. Decerto havia nas suas palavras uma grande sinceridade e juntamente o prazer de dizer coisas belas e estranhas, mas, num canto da alma, uma porção do seu ser pôs-se a rir com escárnio e lhe disse baixinho: —

FALA

208
PITA
LADRÃO

- Quanta filosofia... O que na realidade me interessa não é a alma, é o corpo. O corpo é que eu queria imortal. Só quando se chega à minha idade é que se aprecia bem o cadáver. E depois uma alma não digere, nem toma nada.... Olha que espiga!.....

209
PITA
FILÓSOFO

- O que tu tens simplesmente é inveja, ladrão!

FALA

E o Pita, sabedor da vida e de todos os seus escaninhos, concluiu: —

210
PITA
LADRÃO

- Inveja dizes?... vai para o diabo que te carregue! Sou assim, que queres? O homem é mau e estúpido! de que valem as tuas palavras, não me dirás, filósofo?....

E seguiu através das ruas, sozinho, a discutir. Nunca, como nessas noites em que monologava perdido pelos bairros excêntricos, afogado em sonho, parando, gesticulando, apressando de novo o passo, conforme a teia das suas ideias se emaranhava ou desemaranhava — nunca o Pita se parecia mais completamente com um diabo pelintra, com um diabo de mágica caído na desgraça e na pobreza — mas discutindo sempre, negando e sorrindo até à morte.

XXXII

PALHAÇO CONSULTA
ANARQUISTA211
ANARQUISTA

- Prá frente! Prá frente! Fora o sonho!

Para que é que em pequenos mentem e dizem que há amigos e afeições?... Entra-se na vida com ilusões, que só se perdem com pedaços de alma, quando muito melhor seria dizer que há unicamente o dinheiro. Dinheiro!

E o diálogo persistia entre ele e a dor, ficando sempre vencido, esmagado: :

212
PALHAÇO
ACTOR

- Andei, era a hora: lá no alto, ao pé da cruz,
a esperei - pois não tardaria que ela viesse, eu bem o sabia.
Por baixo de mim a pedra, a terra húmida, estremeciam.

213
ANARQUISTA

- Todos os detritos, o velho pó que havia sido outrora flor,
a cinza que fora cérebro, a terra que se lembrava de ter batido
em coração - se haviam posto a falar, a agitar-se como
milhões de pequeninas almas, e toda a montanha tinha vida.

214
PALHAÇO
ACTOR

- Há que tempos espero por ela.

215
ANARQUISTA

- És um desgraçado!

Olha bem para dentro de ti!... Vê que na tua alma, por
mais que procures, nada encontras de belo, de grande, que lhe
possas oferecer em troca da sua boca...

216
PALHAÇO
ACTOR

- És tu que vens? És tu? Uma grande serenidade caíra sobre o meu coração, que nunca pulsara tão ritmico, tão forte, tão alto...

217
ANARQUISTA

- Grotesco, velho, servido- uma aparição!....

Tens de ser palhaço até à morte. Tentas voltar à realidade - e a realidade atira-te para o sonho.

A realidade vingá-se.

A realidade não cria palhaços como tu, a realidade cria homens, e os que se esquecem de viver não devem acusar a vida.

218
ANARQUISTA

- Palhaço!... Deixá tudo para não sonhar - para viver - e a realidade atira-te e a conduzir até ao fim. Palhaço! Palhaço!

Felizes os palhaços que são palhaços até à última hora com a mesma convicção - e que não sentem esta dor que a vida faz. Palhaço! Palhaço!

*Teia de aranha
Coração de cavaleiro
Dança de...
Até ao fim da vida*

*e depois
até...*

XXXIII

COMENTÁRIO FELIZ?

215
PALHAÇO
CIRCO

- Fama! - te os brigaço, cal e solapar
desisto em lágrimas...

218
BRANDÃO

- Palhaço!... Dava tudo para não sonhar - para viver - e a
realidade obrigou-o a caminhar até ao fim. Palhaço! Palhaço
!...

220
PITA
LADINHO

Felizes os palhaços que são palhaços até à última hora
com a mesma convicção - e que não sentem este desespero e
este fel. Palhaço! Palhaço!...

221
PALHAÇO
ACTOR

Espera! Espera! - Erro a Vida?

222
PALHAÇO
CIRCO

Espera!... Espera!... Top zontar a vitar a
misso vontade é abraçara para viveres colado.

tema do livro
(paragem do cavalo /
dança /
até cair o makequim
cô em baixo

↳ e segue
até →

223
PALHAÇO
ACTOR

- Foi outro tempo

224
PALHAÇO
CINCO

- Voltarei juntos a qualquer hora

XXIV

E MORRE O PALHAÇO

225
PALHAÇO

Nella esultava. As miúdas pelotas arrastavam a palmeira, deviam cima do colosso, do arvoreto, do lago das lagoas. Toda a miúda tinha serenos, ruidos de um deus e a arvoreta espalhava as palmas colossas, aquecia. As varas grandes arvoradas...

219
PALHAÇO
CIRCO

- Estendi-te os braços, caí a soluçar, desfeito em lágrimas...

Na claridade violenta do circo, Camélia apareceu enfim sobre o cavalo negro, toda branca, e passou rápida, esbelta e loura, a sangrar na luz púrpura, rósea e evocada num sonho, imagem que se desdobrava, na fúria do galope e no triunfo da música, como uma figura de quimera, conforme os jactos dos reflectores. As cores, restos de poente, escamas de sol, escorriam sobre o cavalo negro, até que, entre a rajada de palmas, caiu no selim, com uma graça de cisne, toda branca outra vez...

226
PINTOR

- Para onde? Para onde? Onde tem dar tanta materialidade correntes de floresta?

220
PITA
LADRÃO

- Agora só te resta fazer do amor sonho e da morte um sonho maior e mais belo.

Rompeu a sinfonia, os mocós de calções vermelhos abriram alas no estrado, e o lustre, como uma grande flor que se abre, desceu, dando toda a claridade à sala. Em cima, no alto, luziam riscos de fogo dos trapézios, uma confusão de redes, de arames cruzados, e, então, enquanto uma mulher a cavalo furava com a graça do voo arcos de papel branco, o público indiferente ficou silencioso.

ACTOR

... nada de voltar a cabeça para trás, teleguias varicosa abrigada que está algum zomigo, a alitar para trás.

Coube depois a vez aos patinadores, ela grácil e rápida desaparecendo no estrado, floco de espuma lílax levado pelo vento, eles grotescos e pancudos, como sapos verdes, amarelos, roxos, negros, que a perseguissem, aos pinchos desajeitados. E ela fugia-lhes sempre, graciosa, de braços arqueados um sorriso postico nos lábios vermelhos.

... o público acentuava com palmas, com gritos, com ah! de satisfação, com silêncios de espanto, com assobios de protesto.

221
PALHAÇO
ACTOR

- Espera! Espera! - Errei a Vida?

222
PALHAÇO
CIRCO

- Espera!... Espera!... Vou sonhar e criar à minha vontade a atmosfera para viveres comigo.

223
PALHAÇO
ACTOR

- Foi noutro tempo.

224
PALHAÇO
CIRCO

- Vivíamos juntos e amávamo-nos.

225
PALHAÇO

- Hélia escutava. As minhas palavras animavam a paisagem: davam alma às coisas, às árvores, às águas das lagoas. Toda a minha alma se desprendia ao pé dela e a emoção espalhava-se pelas coisas. Aquecia. Ao ver grandes árvores, chorava: as árvores davam-me a impressão de me achar entre amigos a quem tudo se confia.

226
PINTOR

- Para onde? Para onde? Onde iam dar todos os misteriosos carreiros da floresta?

227
PALHAÇO
ACTOR

- Espera.... Acontece-me às vezes estar com medo de voltar a cabeça para trás: Tenho a certeza absoluta de que está alguém comigo, a olhar para mim...

228
PALHAÇO
CIRCO

- Hoje beijaste-me.

O Palhaço, numa cabriola, veio então rojar-se-lhe aos pés, amoroso e cómico... Todo de seda negra, ferida de escarlate, junto à gracilidade de nuvem de Camélia — céu de catástrofe onde o luar aparecesse — dava a impressão dum saltador que tentasse violar uma virgem. Era certo que os seus olhos, na face longa e amarela, tinham desespero, amargura, falavam de ilusões despedaçadas, mas os seus braços desengonçados, todo o corpo anguloso e torto, abriam risos de escarnio até na quimérica ventura dum noivado. Aquele pedaço de clowneria estreitava-lhe todo o resto da noite.

Para que ela se não risse, fingia o amor (bem sentido e cavado na sua alma, na verdade), fazia da paixão um riso e de tudo o que tinha em si de ternura, como uma árvore que foi força e se cobriu de floração — uma gargalhada.

Não, não queria que ela se risse ou tivesse piedade, mas no feitiço lambão por que passava a mão pelo seu peito marmóreo e lácteo de estátua, para depois chupar com gula os dedos, havia amarguras inéditas: no olhar raivos e, em todo o corpo desengonçado de clown, ímpetos de a morder e fugir com ela presa nas garras.

a galopada, no estridor da música, recomeçou, e Camélia, como a fantasia dum poeta, verde, escarlate, a sangrar como um crime, incarnou outra vez a quimera, sobre o cavalo negro e raivoso, e de rastos, agarrado às crinas do animal, o Palhaço desatou aos gritos, despedaçado de encontro à arena — restos dum amor do passado, ilusões mortas, venturas para sempre perdidas na lama e no esquecimento... E as palmas da multidão caíram como granizo.

A seguir Lídio trabalhou. A toda a altura do circo, enorme, e sem rede, fazia trabalhos de prodígio e de perigo, com a sombra de um sorriso nos lábios, enquanto o circo hipnotizado sentia a impressão da queda num abismo.

Para tirar àquela parte do espectáculo o afitivo de peso-deio, o empresário, como quem atira para uma cova negra um galho de macieira em flor, fazia coro aos trabalhos de Lídio com um bailado em que entravam as mulheres mais lindas do circo. E catadupas de luz jorravam do palco... Mão-cheia de flores atiradas para a arena, com risos claros, vinham de roda, de súbito estacadas para Lídio. Ao meio o Palhaço tinha ímpetos de paixão, na indecência da escolha, e elas dançavam desfeitas em papelinhos multicores levados pelo vento... Lídio no trapézio equilibrava-se num perigo enorme!

229
LÍDIO

- Quem cortou a corda do trapézio?

230
PALHAÇO
CIRCO

- Última farsa - amar ou morrer.

230
PALHAÇO
CIRCO

- Amar ou morrer! Amar ou morrer!

230
LÍDIO

- Quem cortou a corda do trapézio?

231
PALHAÇO
CIRCO
ACTOR

- Amar ou morrer? Amar ou morrer?

*(Canta canção)
até agora*

231
PALHAÇO
ACTOR

- Amar ou morrer! Amar ou morrer!
Eu não quero a tua piedade - quero o teu amor!....

232
PALHAÇO
CIRCO

- Repara no que eu sofro, no desespero com
que me agarro a este amor que é a minha própria
vida!...Deixa-os rir a eles, mas ao menos não te rias tu...

O Palhaço não o disse, mas é certo que havia tempo que os seus olhares luziam de ódio para Lídio e que a sua conversa saía saúdida, nervosa e tecida de rancor, se estancara. Na arena tinha noites em que a dor se misturava por demais às suas farsas e em que a multidão o patava raiosa. Os seus gestos, em linhas quebradas, exprimiam ferocidade e em toda a face, comprida e amarela, se lia (o que transformava de súbito os risos em pasmo e a gargalhada em terror) não sei o quê de sinistro...

Reparem na grande farsa que ele agora representa para Camélia e para todo o circo, que não sabe se há-de rir ou patá-lo -

E começou a passar na arena a figura angulosa e enorme com o bengalão a rasto e o aspecto de velho amoroso e ridículo. Todo o circo se riu enfim. Outro salto e os risos estacaram.

- E ei-lo o homem que sonha o homem de olhar perdido que não vê, que não ouve, que anda aos tropeções na vida porque sonha; o espanto e a do palhaço grotesco que cai de repente na realidade amarga... O homem que é feliz e tudo desdenha - até que o amor o puxa para a realidade. E abria a boca enorme e dilatada, e piscava os olhos pintados de vermelho, riase próprio da farsa dolorosa que representava.
E com ele toda a multidão outra vez gargalhava.

233
PALHAÇO
ACTOR
CIRCO.

Amar ou morrer!...
Amar ou morrer!..

234
PALHAÇO
ACTOR

- Amar ou morrer?
Pergunto então: um palhaço não tem direito
ao amor, não tem direito a ser amado?

235
PALHAÇO
CIRCO

- Amar ou morrer! Amar ou morrer!

236
LÍDIO

- Quem cortou a corda do trapézio?...

237
PALHAÇO
CIRCO
ACTOR

- Amar ou morrer? Amar ou morrer?

*(mús. circo)
até aqui*

238
CAMÉLIA

- Amar! Amar!

239
PITA
LADRÃO

- Fora o autor! Fora o Autor!...

— E era o corpo, era a fisionomia, eram os gestos ao mesmo tempo cómicos e trágicos, era o próprio chapéu alto arrepiado, que iam desenvolvendo a farsa, fazendo ressaltar os pormenores amargos, e narrando as sabururas de toda a sua existência, o sonho de todas as suas horas inúteis, as quedas e as desilusões, numa mescla que fazia rir e calafrios ao mesmo tempo. — Amar ou morrer! — Um esgar... A figura do homem que arrastou a vida sem amor — do pobre sem amor. E a sua atitude exprimia o sofrimento de se contentar com desprezíveis mulheres do acaso: o dia de primavera em que se depara com uma criatura ruca e sumarenta que passa, e nem sequer nos olha. E até a paisagem se via através dos seus gestos — um fundo roxo, fios de sol que reluzem na água e, no primeiro plano, uma abelha a zumbir no pé de urtiga onde o orvalho deixou suspensa uma gota que rebrilha como se fosse uma estrela... Outro grito:

— Então, tal foi a sua atitude, de penante ao lado, que todo o circo gargalhou com estrondo, ao mesmo tempo que ele gritava mais desesperado e mais alto:

... Lídio, apenas sentido, sentiu um estalido e o seu olhar estorçado de angústia nunca mais se tirou do único fio por que a corda ainda pendia — tão leve, tão fino...

Deserí... O mais pequeno movimento era a morte, a guarda na arena, despedaçado. O bailado se petrificara, poeira de ouro e de sangue, afinal abandonada pela ventania. Ninguém bulia e no silêncio sentiam-se bocas mastigar em seco e dentes que se chocavam de terror... O perfil fino de Camélia cortara-se de pavor e o Palhaço não tirava dela os olhos pequenos e quietos, enroscado ao bengalão, o chapéu vilho cada vez mais arrepiado. Gelada, a boca torcia-se-lhe de terror...

Um minuto enorme de silêncio em que aquela figura grotesca fitou Camélia e em que Camélia o compreendeu enfim:

E ela num ímpeto gritou:

Então devagar, todo negro, com flores escarlates na túnica, muito devagar subiu a corda — e ninguém respirava. Devagar, segurou, pela parte superior, o trapézio tecendo com os braços a vida para Lídio, que logo desceu, quase inerte.

... Viu-se então um trapo negro, bordado a cores escarlates, vir de cima, lá do alto do circo, e com todo o ruído das bezigas de porco, que prendia na túnica, o Palhaço estorrou na arena, grotesco até na morte...

A música, desvairada e hilare, rompeu numa marcha de triunfo, e a multidão, entendendo que tudo aquilo era uma farsa de génio, sacudiu-se na tempestade estrondosa do riso, enquanto a poeira do bailado, borboletas de fogo, de luz, verdes, escarlates, roxas, sob o jorro dos reflectores, desaparecia num terror pânico.

Na galeria, o Pita, a guedelha em pé no crânio rubro, acompanhado da D. Felicidade e do Poeta, rompeu em berros de triunfo:



XXVI
DO PALHAÇO
FICA MÚSICA

241
PALHAÇO
ACTOR

- Como coveiro que anda a abrir a própria cova para enterrar o quê? Restos que para nada importam, porque a alma, ilusões, tudo já despedacei.

Morte consoladora - és tu afinal que me restas. Libertas, consolas de todas as amarguras. Iguales. Desgraçados ou reis, beija-los com os mesmos lábios gelados. Morte, abre-me pois, os teus férreos braços.

Não tenho forças para me refugiar num grande trabalho ou num grande ideal que me absorva
É melhor estoirar o cérebro, onde resta ainda um vestígio de sonho, do que acabar daqui a anos, esvaziado e grotesco como uma bexiga rota...

É certa, é certa, aquela história da rapariga a quem o namorado morreu no mar e que o viu um dia, nesta hora angustiosa do crepúsculo, sair lívido e amortalhado da espuma, levando-a para sempre consigo?...

É certo, amei-te. Nunca as mulheres triunfais me fizeram bater o coração como as pobres criaturas melancólicas, feias, arredadas, cujos sorrisos têm mágoas e cujos olhares são velados pelas lágrimas... Tenho vontade de as consolar e de as beijar. Será por humildade? Será por egoísmo, prque me sinto, eu próprio, assim encolhido e doente, incapaz de beijar com sofreguidão lábios rubros de vida e de saúde, lábios moços? Ou porque o amor que sabe a lágrimas me tenta?...

Vem Hélia, de mãos febris estendidas, beijar-me a boca.
Sonho, é sonho tudo!...

E agora é ela mesmo que, aqui a meu lado, me contas a alma desta história.

*começa aqui
a seguir*

*maqui bem quando
ela passa para o lado
de cá*

XXVII

O SONHO DESCE
À TERRA

A

242
RAINHA

- Até que um dia
o solitário
que só um saco vestia
no portão parou
do portão e clamou:

243
PITA
FILÓSOFO

- Cumpra-se a vontade divina.

244
REI

- Só temos esta filha
a nossa única menina.

245
PITA
FILÓSOFO

Cumpra-se
- A vontade divina!
A vontade divina!

246
RAINHA

- Todas as portas se abriram
à passagem de Eponina.
Bispos e cavaleiros
a viram descendo o monte.
Entre o povo há quem conte *(isto)*
que o choro inundou os outeiros.

Mas ele estropiou com o calhau no velho castanho denegrido, e ~~o~~ repercutiu-se nas abóbadas solitárias e nas almas incertas em negro desespero.

Seu pai e sua mãe choravam. Abençoaram-na os velhos bispos, estendendo as mãos sobre o vale; partiu um seloço da multidão que caiu de joelhos, quando ela desceu o monte, sem que ninguém a detivesse, deixando-os para sempre -

247
PITA
FILÓSOFO

- Eponina
virgem santa
filha de reis
de riqueza
quanta
e quantos
cavaleiros.

248
REI

nos montes escavados
só pedra e luar
à espera de uma alma errante
que se atrevesse a passar

Perguntam no alto do castelo
os velhos reis
já
vai devorá-la alguma fera
os bandidos estrangula-la
de tudo se está à espera

(de dor?) *Do-loe! Do-loe!*

249
PITA
FILÓSOFO

- Não, *nã, nã*
é um uivo de alegria
um grito frenético de prazer
o urro dos homens bestiais

250
EPONINA

- Ouvi
Ouvi

Ouve tu ó rei sem sorte
que pedes a Deus a morte
ouve tu rainha dolorosa
que ~~descrê~~ no divino amor
sem fé no amor do céu
ouve tu ó povo incréu
que choras por Eponina
Onofre, Onofre
Só Onofre clama

(B)

251
PITA
FILÓSOFO

Assim se

- Cumprido-se a vontade divina

252
EPONINA

- Nos covis entrei
com beijos de frescura
leprosos visitei
distribuindo a ternura

branca e sem queixume
a todos dei a boca
ao ladrão dei o meu lume
ao carrasco a morte louca

253
PITA
FILÓSOFO

- Sem compreender
branca e inocente
o desejo de ter
o sonho indecente
a lascívia a rodos

foi de todos

que importa a matéria
se o espírito está com deus

ele reconhecerá os seus.

(C)

Foi dos mendigos e dos leprosos. Esperavam-na cosidos com a noite para caírem sobre ela sem palavra, beijando-lhe os cabelos de ouro. Andou com os ladrões nas estradas e nas mãos de meretrizes. Desceu nos antros. Vinham as matilhas espantá-la à beira dos caminhos, nos sítios ermos e bravios e nela cavavam a sua voluptuosidade e o seu grotesco sonho de amor. Mas os monstros que não se atreviam a aparecer à luz do dia, e na noite profunda só o olhar cego e frio, átono e fútil, húmido e frio, lhes luzia. Batiam-lhe. Sujeitavam-na a carícias e ás carícias, a lascívias que durante muitos anos haviam imaginado. Dormiam à sua sombra. E ela, sempre com o mesmo sorriso de piedade e de tristeza, abandonava-se alicada. Atiravam-na fora como um trapo, e santa Eponina seguia-se a partir com a sua candura immaculada. De toda a parte corriam os mendigos ascosos, caravanas de leprosos: alguns arrastavam-se pelos caminhos, com rugidos, outros murmuravam na noite, não querendo morrer sem a terem sentido.

254
ANARQUISTA

- O que eu quero? O que eu quero é dormir contigo, bem junto a mim, à minha carne onde as chagas supuram, é sentir a tua frescura na crosta desta pele que requeima como uma brasa - ó minha amada!

Dá-me a tua boca! O que eu quero de ti é a tua boca!
Beija-me na boca!...

255
PITA
FILÓSOFO

- Ignorando a matéria
ainda mais baixo desceu
não por amor dos homens
mas por amor do céu
de toda a lama escura
saindo pura

(D)

256
EPONINA

- Mais baixo desci
que as mais baixas mulheres
a vida-vivi
dos mais imundos seres

tão baixo desci
que a verdadeira vida senti
das formas cegas do eu? ^{vivi?}
dos condenados do céu

dos contactos viscosos
dos ventres
de obscenos gozos

257
ANARQUISTA

- E desceu sempre, desceu mais, desceu tão fundo que
acabou por ser imaterial.

frase de Pálhau (lo' mítica)
"O dem monstrosu
reclama sempre
mais v'ime"

258
PITA
FILÓSOFO

Já se cumpriu
- ~~Cumpriu-se a vontade divina!~~
- Cumpriu-se a vontade divina!

→ = final "Santa Eponina"
↓
+ os actores
a cantar?

BRANDÃO

- Eu nunca contactei um homem nesta situação de que este
conheço! Nunca também, como diante desta treva de
enforcado, compreendi melhor a minha alma... Não sou
ampliado, e chamo-me riva. Eu ainda vejo a escuridão, não
tenho pena de mim. Esta maneira que tenho de entender a
coisa, inquieto-me até. E não quero escrever tão bem. Muito
deixando a dúvida sobre a minha alma. (2)

XXVIII
COMENTÁRIO FINAL

Decididamente se trata não posso negar
das outras vezes, muito me dá a
lutar a história de minha alma...

A minha vontade era chegar bem alto a alguma
imaginação que fosse a vida e seria...
A vida é dura, a vida não se faz para
trabalhar e trabalhar para a vida...

259
BRANDÃO

- Esta mecânica ingénua de opor à realidade o sonho, a uma
ilusão morta uma ilusão viva, de quantos imaginativos não é
o único amparo!... Amálgama curiosa, duma decifração difícil
às vezes, incompleta, com notas que eram apenas uma
maneira de se iludir, não é bem uma vida, bem uma alma?
Quantas vezes ao lê-lo, me parece que escuto uma voz que me
conta toda a minha mocidade, com cansaços súbitos,
desesperos, e este: amanhã! amanhã! que sem cessar me
repito.

Estou a vê-lo esguio e calado, com os olhos em brasa, o
casaco no fio, o violino debaixo do braço e à sua volta todos os
grotescos que levava de noite para as bandas do Sonho.

Esta noite encontrei-o enforcado numa oliveira, num
arredor da cidade. O luar escorria sobre a ravina, e naquele
sitio desolado, triste e inquietante, ele era cómico, pendurado
na árvore, mais esguio, a calva a luzir-lhe como uma hóstia,
mole, repugnante e coçado. *Diário* Nem este velho bêbado
teve nunca diário! Foi decerto para dar ares de
incompreendido que deixou estas folhas ao pé da árvore. Como
se a sua miséria fosse diferente das outras misérias!
Escorraçado e azedo, perseguiam-no como um lobo, até que o
fizeram andar com fome e morrer como merecia...

Sob a claridade vaga, a paisagem parecia criá-la a músi
ca, outra paisagem estranha, escaldado e soturno lugar de se
bat: oliveiras torcidas e cinzentas, convulsos no ar os braços
despenhando-se pela vertente; à esquerda um calvário, três
cruzes como três forcas no alto, em baixo a nódoa da planí
cie, o borbulhar de multidão esparsa, que se imobilizara pe
trificada. Era um mundo de fantasmas o que enchia a noi
te... Os sons entranhavam-se na escuridão e faziam estreme
cer as sombras até que ele parava de tocar e o silêncio caía
como a tampa duma cova... Outra vez a música começava
num gorgolho, arrepiada de dor, vaga, dúbia claridade mi
turando-se ao luar entre nuvens, e perturbava-nos como um
crepúsculo sobre águas mortas: pouco a pouco alastrava-se
pela paisagem, sinfonia de almas a errar numa névoa líria.
Na noite acovoadas, as névoas empastavam-se, com feixe
macabro: de luar, o vale a repercutir agora as risadas do vio
lino, a Catedral duma imobilidade acusadora no alto. E, es
gulo, K. Mauricio evocava uma planície rasa, sem árvores
duma única cor monótona, onde como um rebanho, ness
claridade de agonias, passavam, com olhares de desespero, o
grotescos, os rachadores e os doentes...

BRANDÃO

- Eu nunca conheci um homem mais pitoresco do que este canalha! Nunca também, como diante deste trapo de enforcado, compreendi melhor a minha alma... Seca; sem emoções, e cheia de raiva. Eu ainda venho a endoidecer. Não tenham pena de mim. Esta maneira que tenho de escrever a golpes, inquieta-me até. E há quem escreva tão bem!...Muita gente anda iludida sobre a minha alma. Eu rio-me...

Decidamente eu hoje não posso fingir e escrever como das outras vezes. muito me hei-de eu de rir, quando eles lerem a história da minha alma!....

A minha vontade era pregar bem alto a alguns imaginativos que tomem a vida a sério. Não sonham, vivam!

A vida é dura, a vida não se fez para sonhar; para triunfar é necessário bater para os lados sem ver quem vem, morder... Ai dos vencidos!